

A esquerda reflete sobre sua divisão

MARIA LÚCIA DELGADO

BRASÍLIA – A fragmentação da esquerda no Rio de Janeiro deve levar os partidos a refletir sobre a necessidade de fortalecimento e unificação durante a disputa de 2002 à presidência. O PT, o PDT e o PSB lançaram candidaturas próprias, disputando com o PTB e com o PFL a prefeitura. “O resultado do Rio vai mostrar se o caminho é a união ou a divisão. Todo mundo errou e agora não adianta culpar ninguém”, avaliou o deputado federal José Genoíno (SP), vice-presidente do PT nacional.

O vice-presidente nacional do PC do B, Renato Rabelo, assegura que a ampla frente de esquerda, na prática, não existe mais, seja pelas disputas internas dos partidos – sobretudo do PT e do PDT – ou pela necessidade de crescimento das legendas com as candidaturas próprias.

Já na avaliação de José Genoíno, o quadro do Rio é atípico. “Em outras capitais não há essa fragmentação da esquerda. O caso do Rio repercute nacionalmente porque é uma capital política. É um fato negativo e deve servir para a esquerda fazer uma avaliação”, admite Genoíno.

A esquerda reconhece que a divisão pode acabar favorecendo as candidaturas de centro-direita, já que César Maia (PTB) e Luiz Paulo Conde (PFL) lideram as pesquisas de opinião até agora. Para Renato Rabelo, as peculiaridades locais impediram uma unificação geral da esquerda. “As eleições municipais, não só no Rio, serão um momento de reflexão para as forças de esquerda. Os resultados serão importantes para definir a orientação de 2002”, concluiu.

“As esquerdas vão muito mal. A busca de unidade exigiu um esforço enorme e o PC do B deu sua cota de

contribuição quando desistiu da candidatura. O Rio não é uma capital, qualquer e deveria ter sido um centro de preocupação das esquerdas. Pode haver, sem dúvida, um prejuízo em 2002”, analisou a deputada federal Jandira Feghali (PC do B), que abriu mão de sua candidatura para apoiar Benedita da Silva (PT).

Para o deputado federal Alexandre Cardoso, candidato pelo PSB, a grande lição que as esquerdas tiram do processo eleitoral no Rio é que as candidaturas precisam ser construídas e pautadas por um projeto para a cidade ou para o país – no caso de 2002.